

humanitas

Vol. LII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LII • MM



Kornelis Schrevel e, para a gramática, o 'Epitome do Methodo de Port-Royal', de cuja tradução para português foi encarregado João Jacinto de Magalhães.

Numa nota biográfica sobre o tradutor deste último compêndio, C. Morais assinala que, formado na escola monástica de Santa Cruz de Coimbra, Magalhães parte mais tarde para Paris em busca de um aprofundamento cultural e científico que a cidade-luz continuava a prometer aos estudantes de toda a Europa. E é nesse tempo de ausência que surge a versão para português da Gramática de Grego de Port-Royal.

O produto obtido pelo trabalho de tradução, arranjo e compilação de diversos métodos por J. Magalhães privilegia - depois das habituais introduções sobre a grafia e pronúncia da língua - capítulos de índole morfológica (a flexão nominal e verbal, o adjectivo, o pronome, o advérbio, as partículas), acrescidos de listagens de verbos. Um capítulo sobre sintaxe trazia um complemento de informação e permitia um progresso mais célere para além de uma fase meramente embrionária do estudo da língua. Por fim, foi o manual complementado com um derradeiro capítulo que repõe as questões iniciais da grafia e pronúncia agora com maior profundidade, com quadros sinópticos das declinações e da conjugação verbal, e com sínteses dos diversos dialectos e das figuras de estilo. Morais conclui que, apesar dos arranjos que Magalhães introduziu no quadro das matérias, com o objectivo de produzir um manual mais completo e correcto do ponto de vista didáctico, se manteve no geral fiel aos princípios metodológicos de Lancelot, o autor da gramática de Port-Royal: observância da noção de brevidade na sistematização rápida das matérias em quadros ou no enunciado lacónico de regras, como no uso do verso na redacção dos conceitos, a que não era estranho um certo tom lúdico, para estimular a memorização.

Se, na própria 'tradução', havia portanto uma margem ampla de infidelidade pelos muitos acrescentos, supressões ou alterações, que resultava em igual dose de autonomia na avaliação técnica da eficácia do manual, a grande novidade que este apresentava era o uso da língua portuguesa, em vez do latim, que, nos tradicionais métodos jesuíticos, se interpunha como código intermédio no acesso ao grego.

Algumas considerações interessantes sobre as contingências da impressão e circulação deste volume, bem como sobre o estado em que hoje o conhecemos, encerram esta apresentação, breve mas clara e cuidada, que facilita aos interessados a consulta desta recente e última edição do que foi a primeira gramática em língua portuguesa para a leccionação do grego no ensino secundário.

MARIA DE FÁTIMA SILVA

DELFIN FERREIRA LEÃO, *Plutarco, Vida de Sólon*, introd. trad. e notas. Com introd. Geral de Maria Helena da Rocha Pereira, Relógio d'Água Editores, Lisboa, 1999.

Como volume inaugural de uma projectada série de traduções das *Vidas* de Plutarco, de que se ocupam membros do Instituto de Estudos Clássicos e do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, veio a lume a versão portuguesa da biografia de Sólon. É antecedida de uma introdução geral, que deverá servir de referência não

apena a esta, mas às futuras traduções das biografias plutarquianas. Tal introdução desenha uma perspectiva global da formação do autor, da sua obra e da importância de que se revestiu, compreendida no horizonte cultural e político do seu tempo. Escrita de modo a dar vida ao autor e ao mundo em que se movimentou, sente-se nela a solidez precisa e subtilmente documentada de informações – duas qualidades a que há muito nos habituou todo o texto didáctico saído da pena de Maria Helena da Rocha Pereira.

O autor da tradução tem em mãos uma das fontes privilegiadas do conhecimento da vida e obra de Sólon, autor de que se ocupou na sua dissertação de doutoramento. Não é, pois, de admirar, que se mova, em tal matéria, com extremo à-vontade. Soube, no entanto, resistir à tentação de uma exposição demasiado especializada – o que nem sempre é fácil, em tais circunstâncias. Apresenta-nos Delfim Leão, no texto introdutório específico à obra, um percurso explicativo pelas várias fontes de que Plutarco se serviu criticamente para a biografia de Sólon, o que torna mais claras as referências que o leitor vai encontrar ao longo do texto traduzido. As questões específicas encontram-se relegadas para apropriadas notas aos passos em causa, a que não falta uma ou outra referência do âmbito da crítica textual (n. 27), ou de discussão semântica. Esta introdução articula-se com o texto de abertura acima citado, remetendo algumas vezes para ele (*vide* p. 41).

Sobre a tradução em si há a realçar não apenas a segurança de quem domina a língua de Plutarco, mas a elegância e a propriedade do estilo que o tradutor soube encontrar, no português, coadunado com o do original – um estilo discursivo, conciso, de fluidez expositiva, e não raro com recursos a expressões da moderna linguagem de análise política, conforme se poderia documentar, a título de exemplo ilustrativo, em 13.3: “Entretanto, uma vez que o desequilíbrio entre os pobres e os ricos havia atingido, por assim dizer, o clímax, a cidade encontrava-se num estado verdadeiramente crítico, de modo que a única via para garantir a estabilidade e pôr termo às agitações parecia ser a instauração de uma tirania.”

Saliente-se, também, os cap. 27-28, dedicados ao célebre encontro entre Sólon e Cresos.

Sobre a concepção gráfica da edição, saliente-se a bonita capa com a reprodução da cena do jogo de dados entre Aquiles e Ajax, de uma ânfora de figuras negras pintada por Exéquias, cuja contemplação compensará o leitor de uma outra opção menos feliz – a de a edição não apresentar as notas na página do texto a que dizem respeito. O que faz, no caso presente, com que elas se encontrem repartidas por três espaços, a alternar com texto e bibliografia.